

## SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA E CRISE SOCIAL

*José Vicente Tavares dos Santos*

A sociologia contemporânea manifesta-se em um espaço social diferente daquele no qual os fundadores da Sociologia começaram a trabalhar, pois no nascedouro da Sociologia tratava-se de um espaço de construção do Estado-Nação, enquanto que estamos, hoje, diante de uma sociedade global, mundializada. Um dos maiores sociólogos brasileiros, Octávio Ianni, intitula seu último livro de *A sociedade global*, ao passo que, nos anos 70, suas obras eram, entre outras, *Estado e planejamento econômico no Brasil* ou *A formação do Estado Populista na América Latina*.<sup>1</sup> Como a Sociologia nasceu de uma reflexão sobre a crise de constituição do mundo moderno, na atualidade ela tem como horizonte a crise social atual, as contradições e dissonâncias que aparecem na cena social contemporânea.

Nem sempre a Sociologia se deu conta disso. Nos anos 70, a produção sociológica estava ancorada na economia política, pois era o apogeu do marxismo, e a Sociologia estava, em grande parte, voltada para a análise do Estado. No decorrer da década de 80, a crise das utopias revelou a insuficiência daquelas formas de explicar a realidade social, e o pensamento sociológico entrou em profunda crise.

Há cinco anos atrás, entretanto, a reorganização da Sociedade Brasileira de Sociologia expressou a vontade de uma geração de sociólogos de suplantar a denominada crise dos paradigmas, reafirmando a possibilidade de um olhar explicativo sobre as angústias e as transformações do mundo, quiçá sobre uma outra forma de apreender a dinâmica do futuro.

Nossa hipótese de trabalho, neste texto, afirma a vitalidade da construção de um enfoque analítico sobre o social que, no cruzamento do

---

José Vicente Tavares dos Santos é professor no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador do CNPq. Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação.

passado, do presente e do futuro, e no entrelaçamento de uma micro e de uma macro realidade, elabora um olhar sociológico sobre o mundo. Talvez agora esse olhar sociológico seja mais viável, visto que o fascínio e a paixão do sociólogo consiste na reflexão racional, cientificamente elaborada e demonstrada, sobre as fraturas do social, sobre as contradições do mundo.

Nesse sentido, a Sociologia tem vivido um paradoxo pois, de um lado, a crise social é estrutural e permanente, mas, de outro, as possibilidades de superar intelectualmente a crise estão dadas. O sentido do olhar sociológico difere, entretanto, daquele da geração dos anos 70: a concepção de história era linear, teleológica, uma vez que o desenvolvimento do capitalismo faria as sociedades chegarem a um resultado de antemão previsto, fosse a sociedade neoliberal, fosse a sociedade socialista. Agora, a apreensão do sentido da historicidade torna-se diferente, pois incorpora a indeterminação, uma incerteza constitutiva no modo de encarar a história e a sociedade. Tal movimento intelectual pode ser apreendido em três momentos.

O primeiro momento pode ser denominado de contexto terminal da crise dos paradigmas, indicando o passo além da crise, além da nostalgia. O segundo momento vai nos permitir situar os embates intelectuais no campo da sociologia. E no terceiro momento, vamos indicar alguns elementos da aventura sociológica contemporânea.

#### O CONTEXTO TERMINAL DA CRISE DOS PARADIGMAS

O contexto terminal da crise ocorre pela situação paradoxal de que, ao mesmo tempo em que debatíamos a crise dos paradigmas, o final do século, a nostalgia dos socialismos perdidos, naquele mesmo instante, as sociedades capitalistas do Norte e as sociedades latinoamericanas estavam em permanente ebulição: na década de 80, presenciávamos o renascimento das lutas sociais, a expansão dos conflitos sociais, a irrupção na cena social e política dos novos atores sociais ou dos novos movimentos sociais. Daí o paradoxo: estavam os sociólogos ainda na busca da utopia perdida, enquanto que as sociedades estavam a fabricar novas conflitualidades.

Contra tal paradoxo, insurgimo-nos pelo trabalho sociológico, na tentativa de trazer à reflexão intelectual todas as dimensões das conflitualidades do tempo presente. Definia-se o imperativo de uma tarefa: elaborar a explicação sociológica das indignações frente às questões sociais de nossas sociedades, pela tentativa, sempre aproximada,

de um trabalho de construção intelectual, próprio da sociologia.

Percebemos que estava se dando, nos países capitalistas avançados, desde o início dos anos 80, um processo de superação de dois grandes paradigmas, o paradigma funcional e o paradigma marxista. Em verdade, esse processo deu-se por uma dispersão teórica importante, exemplificada nas teorias dos novos movimentos sociais. O livro organizado por Alain Touraine<sup>2</sup> mencionava uma série de mobilizações coletivas: movimento antinuclear, lutas do Sul da França (Occitânia), lutas nacionalistas do Québec, lutas urbanas e estudantis, o movimento das mulheres. Touraine os definia nos seguintes termos:

*Todo movimento social de hoje é contestação da produção de necessidades, esforço para redefinir o consumo em termos que não sejam de demanda, vontade de auto-determinação do consumo individual e coletivo. O lugar central das relações e dos conflitos sociais deslocouse do campo do trabalho para o campo mais largo da cultura.<sup>3</sup>*

Reside nessa afirmação o reconhecimento de uma ampla conflitualidade social que fora, anteriormente, anunciada nos acontecimentos da Rebelião de Maio de 68, rebelião cultural e planetária. Do ponto de vista político, parece-me que o último momento de adesão dos intelectuais de esquerda não-ortodoxos aos socialismo "real" foi o movimento de Solidariedade, na Polônia; com o Golpe de Estado de Jaruzelski, em dezembro de 1981, ocorreu também o golpe final da possibilidade da renovação do socialismo; e o fim da União Soviética e a queda do Muro de Berlim, no final da década de 80, indicaram o ponto final de uma dada configuração histórica da utopia.

Em termos de teoria geral, o desfecho trágico do althusserianismo veio mostrar que a tentativa, desde os anos 60, de fazer do marxismo a "ciência das ciências" fracassou pelo excesso de formalização conceitual, pela concentração das análises no Estado e nas formas políticas, e pela incapacidade de compreender os dinamismos novos das sociedades contemporâneas.

Na sociedade brasileira, este processo de crise e de superação é um pouco mais tardio, pois o regime militar impediu uma renovação intelectual e exigia dos intelectuais uma atitude de resistência e de crítica, que vai culminar na campanha da Anistia de 1979. Mantinha-se, entretanto, a suposição de que o patamar de inteligibilidade sobre o social era fornecido pelo marxismo historicista, mesmo que tal visão tivesse sido renovada pela incorporação de Gramsci, nos anos 70, princi-

palmente na Sociologia Política e na Sociologia da Educação.

Durante a década de 80, entretanto, desenvolveram-se uma série de estudos sobre movimentos sociais emergentes, sem uma preocupação teórica maior; ou seja, diante dos impasses intelectuais do pensamento marxista, muitos sociólogos optaram por estudos mais históricos ou empíricos. Assim, novos objetos de estudos foram se desenvolvendo, sobre as lutas sociais no campo e na cidade, e tratando de conglomerados humanos que não se enquadravam em conceitos pré-determinados mas que, não obstante, evidenciavam dinamismos sociais: por exemplo, os estudos sobre os participantes das lutas urbanas acerca do transporte ou da moradia; sobre os camponeses sem terra e os bóias-frias; as lutas das mulheres e os movimentos das minorias étnicas.

O padrão de orientação intelectual passou a ser marcado pela dispersão, com maior profusão de fenômenos sociais do que de fenômenos sociológicos, demonstrando uma certa dificuldade dos sociólogos, limitados por inércia intelectual, em perceberem os novos dinamismos sociais e intelectuais. Momento de dispersão, até mesmo de pobreza teórica, para o qual a solução mais simplista seria a imitação cultural: quantos traziam de algum país de língua estrangeira algum livro novo, de um grande autor, ao qual propugnavam uma irrestrita adesão, atestando nossa contemporaneidade, mas também renovando nossa dependência cultural.

A dispersão teórica começou a ser superada por um duplo movimento: político, por um lado, pela evidência do mundo de que não havia mais nostalgia possível e que se deveria afirmar a luta pela democratização concreta das sociedades; intelectual, por outro, mediante um minucioso e sistemático processo de construção de um outro padrão de trabalho científico na Sociologia.

#### O CAMPO INTELECTUAL DA SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Os embates intelectuais recentes, dos anos 80 e 90, vieram a revelar que a Sociologia contemporânea superou a crise dos paradigmas, e começou a construir um vigoroso campo intelectual, pleno de dinamismo teórico e de rigor histórico e empírico. Tomando como unidade de análise a sociologia francesa contemporânea, seguimos a hipótese de Ansart:

*(...) o refluxo do estruturalismo permitiu a emergência de correntes teóricas que podem ser reguadas em quatro orientações maiores*

*que nos parecem marcar o essencial das problemáticas sociológicas atuais.<sup>4</sup>*

Segundo tal suposição, podemos identificar quatro regiões neste campo intelectual que se configura como uma reflexão sobre as conflitualidades e crises do mundo contemporâneo, em torno de quatro idéias-elementos: ordem, ação, crise e mudança.<sup>5</sup> Nas palavras de Touraine:

*A historicidade se transforma em organização social, o que supõe a formação de um poder, criador de ordem na coletividade histórica; a ordem decompõe direta ou indiretamente as relações sociais e as transforma em oposição entre a inclusão e a exclusão; o que foi colocado fora da sociedade pode transformar-se em agente de mudança se o Estado buscar responder as demandas novas do meio ambiente, apelando a essas reservas.<sup>6</sup>*

As duas primeiras regiões são marcadas pela noção de integração, escolhendo a ordem como forma de olhar o mundo: a primeira localiza a integração no âmbito do sistema, definindo um escopo intelectual de reparar anomias e disfunções da sociedade, a fim de realizar uma intervenção estratégica conduzindo à restauração da ordem social. Podemos situar nesta região o racionalismo utilitarista de Raymond Boudon.

Dentro da ótica da integração, a segunda região deste campo intelectual da Sociologia contemporânea, também definida pelo individualismo metodológico, rompe com o conceito de sociedade, reduzindo-a a uma interação entre atores individuais, percebendo o social como produto dessa interação prática e simbólica entre atores. Encontraríamos aqui a análise da ação estratégica de Michel Crozier.

As duas outras regiões da Sociologia contemporânea orientam-se pela ótica da conflitualidade como modo de compreender os fenômenos sociais contemporâneos. Deste modo, a terceira região seria a da Sociologia da ação conflitual, definindo a dinâmica social pela interação entre atores sociais. Localizamos neste plano a Sociologia dos movimentos sociais e da ação social de Alain Touraine.

Finalmente, a quarta região do campo intelectual da Sociologia contemporânea poderia ser denominado de estruturalismo genético, ou pós-estruturalismo crítico, ótica que procura situar os conflitos tanto ao nível micro quanto ao nível macro-social, tentando superar tal antinomia. Concebe a sociedade como formada por grandes conjuntos, os quais são

modificados, e modificam, por grupos, classes e categorias sociais, no limite, por agentes sociais. Cabe identificar aqui a Sociologia dos campos, dos diferentes capitais e suas posições e *habitus*, de Pierre Bourdieu; e os trabalhos sobre os processos disciplinares, de Michel Foucault.

Delineado esse grande mapa da Sociologia contemporânea, podemos verificar seus efeitos ao nível da Sociologia brasileira. Deve ser ressaltado o efeito de inércia que nos foi transmitido pela posição periférica que ocupamos na sociedade mundial. A atual geração de sociólogos brasileiros tenta construir um olhar sociológico que incorpore este pluralismo teórico-metodológico: seria vão e ocioso, talvez até nefasto, se apontássemos para um novo paradigma, uma nova escola. A dificuldade de abarcar intelectualmente a complexidade do social leva-nos, prudente e realisticamente, a aceitar o pluralismo teórico-metodológico como um espaço de lutas dentro do campo intelectual, lutas em curso e inexauríveis, na medida em que reconhecemos que essa multiplicidade de dimensões do social pode conter diversos pontos de vista, diferentes olhares em luta na busca de uma verdade sempre aproximada.

Uma boa indicação do estado da arte da Sociologia contemporânea no Brasil encontra-se na publicação *Natureza, história e cultura: repensando o social*<sup>3</sup>, na qual um conjunto de autores da atual geração sociológica brasileira expõe suas reflexões. Neste conjunto aparece um trabalho sociológico de um mundo pós-crise dos paradigmas, no qual se procura explicar estruturas sociais mas reconhecendo que, atualmente, essas estruturas estão dinamizadas, até mesmo dilaceradas, por atores em jogo; e se continuam os autores a se referenciar à noção de totalidade, não podem esquecer que ocorre um largo espectro de fragmentações dessa totalidade. Pois a categoria totalidade foi fabricada no horizonte da formação do Estado-Nação na História Ocidental; no momento atual, a totalidade vem sendo dilacerada, tanto ao nível macro, pela constituição de uma sociedade global planetária, desigual e contraditória em sua implantação, quanto ao nível microsociedade, uma vez que múltiplos grupos sociais particulares vem a corroer por dentro a territorialidade do Estado-Nação. No limite, o próprio conceito de social vem sendo colocado em cheque por uma série de particularismos, pelo que a idéia de dilaceramento é muito forte, assim como a noção de fragmentação do social. Nas palavras do organizador da coletânea, Adorno:

*(...) a referência privilegiada às estruturas cede terreno à referência aos atores sociais; a noção de totalidade, que até há pouco consistia em garantia de compreensão da sociedade, desfaz-se diante das evi-*

*dências: o social - espaço de interações múltiplas onde se imbricam cenários de vários tipos e distintas linguagens constituídas às voltas de enunciados de várias classes, não redutíveis uns aos outros - é um fervilhar de particularismos, sem pontos fixos de contato, sem horizontes previamente definidos, no qual os sentimentos são fugazes, perde-se o significado do tempo histórico, abala-se a fé no progresso.*<sup>3</sup>

A noção de temporalidade também entrou em discussão, pois a concepção de um tempo linear era muito confortável, marcada pela confiança no progresso e na ordem, com um sentido teleológico: a idéia de um tempo linear é destruída, frente a um tempo fraturado, composto por outros horizontes. Estamos diante de uma nova temporalidade, não-linear nem teleológica, tempo de possíveis históricos sem pré-determinação. No livro mencionado, estão dispostos uma série de textos sobre: o mundo do trabalho; as classes sociais; os movimentos sociais rurais; a educação superior e a ciência e tecnologia; a saúde, a família e o feminismo; as minorias étnicas e a violência urbana. Tomemos alguns exemplos. Nos estudos sobre o movimento operário, percebe-se que os modelos tayloristas de organização do trabalho estão findos, e que as orientações do movimento operário se alteram. A socióloga Nara Castro, da Universidade Federal da Bahia, ao examinar as tendências recentes da Sociologia do trabalho, menciona o trajeto da determinação à indeterminação:

*Por um lado, recuperando o papel ativo dos sujeitos e das bases coletivas na incorporação programada e na socialização das novas tecnologias. Por outro lado, apontando para a forte dependência que ciência e técnica apresentam em face dos signos e significados que lhe são culturalmente outorgados pelos agentes sociais e históricos envolvidos no campo da produção; (...).*<sup>4</sup>

Em outro, Ana Maria Fernandes, da Universidade de Brasília, salienta o novo paradigma da ciência e da tecnologia, pautado pela relação do homem com a natureza:

*Este novo paradigma, pós-moderno, proporia então um desnivelamento dos discursos, a eliminação da separação entre ciências naturais e sociais, de corpo/alma, do sujeito/objeto; a natureza seria humanizada, seria colocada no centro da pessoa, e a pessoa seria o sujeito do mundo e centro do conhecimento. O conhecimento seria total*

e local, admitindo uma pluralidade metodológica e uma tolerância discursiva; (...).<sup>10</sup>

Enfim, procuramos salientar a construção de um outro olhar sociológico sobre o campo, orientado pela tentativa de construir objetos complexos, multidimensionais e históricos, que se expressa na configuração de quatro conjuntos temáticos: a relação entre o meio social e o meio ambiente, a partir de uma abordagem que percebe o intercâmbio recíproco entre os homens e a natureza; a reconstrução das classes sociais no campo, orientada por uma perspectiva relacional que define um espaço social heterogêneo, marcado por lutas sociais; as redes de dominação presentes nas formações sociais, sejam processos de exploração econômica, sejam processos de disciplinarização, as quais são acompanhadas por ações de violência simbólica e física; e os conflitos e as lutas sociais enquanto dinâmismos criadores de uma nova ordem social.<sup>11</sup>

De modo significativo, na Sociologia brasileira atual encontra-se um ambigüidade estrutural, no sentido de um olhar analítico que pode tomar mais de um sentido, uma tensão interpretativa que não se resolve mas que permanece como pulsão criativa no processo de interpretação sociológica. A ambigüidade manifesta-se entre uma formação teórica que se deu no âmbito de um olhar histórico-estrutural acerca do processo histórico, que tende a ressaltar as estruturas de classes sociais, a tendência do desenvolvimento das sociedades, em perspectiva temporal linear; e um horizonte marcado por um olhar dinâmico, privilegiando os processos sociais, a construção por diversidade das classes e grupos sociais por ações coletivas, os dinâmismos indeterminados da sociedade, apreendendo a descontinuidade do tempo histórico e a abertura de seu campo de possíveis. No texto de Sônia Larangeira está claramente colocado esse movimento pendular:

*É nesse sentido que parece equivocado ignorar a questão das classes sociais em sociedades como a brasileira - caracterizada por enorme desigualdade social. Em sociedades desse tipo, a natureza das lutas sociais, assim como a constituição dos agentes históricos, é ainda grandemente influenciada pela esfera econômica e pelos lugares que os indivíduos ocupam nas relações de produção. Aceitar essa evidência não significaria desconhecer a relevância de outras dimensões do social, assim como não implica desconhecer que o social é o espaço não das certezas, mas das contingências históricas.<sup>12</sup>*

Deste modo, uma tensão estrutural no pensamento sociológico bra-

sileiro atual, marcado por essa ambigüidade constitutiva e criativa entre estrutura e processo, entre determinação e contingência, tem se revelado produtivo para toda uma geração de sociólogos. Nessa série de textos, encontramos peças da trajetória de construção de uma outra sociologia, plena de contemporaneidade, mas ainda hesitante quanto a chegar a uma configuração mais acabada, o que talvez não seja mesmo necessário, dada a dispersão intelectual do campo sociológico.

Se comparamos essa pequena amostra da produção sociológica brasileira recente, com o campo intelectual da sociologia francesa, acima esboçado, não seria impróprio afirmar que, em nosso País, a Sociologia aproxima-se mais da ótica da conflitualidade do que da perspectiva da integração. Mantemos, sem dúvida, um pluralismo teórico-metodológico amplo, movido pela incorporação conceitual, pela fusão de noções e pela combinação de estratégias de investigação as mais diversas. Entretanto, autores que trabalham no horizonte da conflitualidade, são os mais lidos e citados pelos sociólogos brasileiros - a Foucault, Touraine e Bourdieu, entre os franceses, poderíamos agregar Gouldner, Becker, Goffman, e Giddens, na cena sociológica anglo-saxônica; ou ainda Boaventura de Souza Santos, na Sociologia portuguesa depois dos cravos. Dificilmente, encontraríamos aqui escolas de filiação intelectual, diretas e unívocas, estando presente, muito mais, uma imaginação sociológica radical, devoradora e criativa.

#### A PRÁTICA SOCIOLOGICA

O terceiro momento deste texto visa demonstrar quais são os supostos da prática sociológica atual, no horizonte da complexidade, da relatividade e da audácia interpretativa. Partimos de uma prática sociológica que, menos do que aplicar paradigmas, orienta-se por um trajeto de problematizações, de formulação de hipóteses, de transformar questões sociais em questões sociológicas. Para além da crise dos paradigmas, ocorre uma valorização da prática científica, a qual funciona pelo objetivo de estender ao mundo social um conhecimento racional aplicado, em um dinamismo que envolve a flexibilização dos conceitos, a elasticidade máxima das noções; fundamentalmente, está se construindo um conhecimento sociológico mediante a dispersão pragmática e antropofágica das incorporações críticas de noções e conceitos da Sociologia contemporânea. Esta fabricação de explicações sociológicas desenvolve-se por essa lógica prática e por um processo de criação científica, no qual o poder imaginativo é fundamental.

A aventura sociológica contemporânea parece estar tracejada por algumas noções epistemológicas básicas. A primeira é a noção de complexidade, tanto do real, modificado pelo espaço-tempo, ausente do repouso, quanto do conhecimento: ele está em crise, partido pelas disciplinas, fragmentado, indicando a necessidade da interdisciplinaridade. Esta noção de complexidade procura superar o realismo e o racionalismo, mediante um racionalismo aplicado, relativo e múltiplo. A segunda noção epistemológica básica é o conceito de historicidade, enquanto dimensão do real e elemento de produção do conhecimento: uma historicidade não-linear, não-teleológica, marcada por práticas sociais que entram em luta em um campo de possibilidades históricas indeterminadas, com desfechos imprevisíveis e inesperados.

Em terceiro lugar, a complexidade do real aponta para uma diversidade de métodos e técnicas de investigação, pois uma pesquisa social crítica incorpora a incerteza, o claro e o escuro; precisa de instrumentos flexíveis que possibilitem essa apreensão da realidade social. Surgem os efeitos da revolução da microeletrônica dos anos 60 nos fantásticos, e cada vez mais acessíveis, programas de microinformática, os quais trazem múltiplas potencialidades no registro, análise, estocagem e manipulação das informações sociais e históricas.

Para utilizar tais potencialidades no acesso a informações, na verificação das hipóteses e na reconstrução interpretativa dos resultados das pesquisas sociais e históricas, temos que reconhecer que a computação representa uma nova linguagem nas ciências. Nessa perspectiva, definimos a computação como um complexo organizador e produtor, de caráter cognitivo, comportando uma instância informacional, uma instância simbólica, uma instância de memória e uma instância de programação; portanto, uma organização computante do conhecimento que trata informações, símbolos, e resolve problemas.<sup>13</sup> Ao mesmo tempo, nossa geração tem que superar a relação fetichizada com a máquina, assim como nossos antepassados o fizeram quando foi inventada a máquina de escrever, há cerca de um século - data aliás, do início da sociologia - substituindo a pena de ganso.

Pois se Galileu teve problemas com o uso das lentes de seu telescópio, devido às condições de polimento e fabricação óptica de seu tempo, o astrônomo contemporâneo pode usar um instrumento que incorpora o progresso da ciência desde o início do trabalho instrumental. Do mesmo modo, o sociólogo detém hoje um novo instrumento, e uma nova linguagem científica, com a qual interage, concebendo o microcomputador em uma relação social, na qual ele não é nem mente, nem máquina,

mas o produto cristalizado do trabalho humano. Poderia, assim, o sociólogo participar do progresso da ciência.

Em outras palavras, a contemporaneidade da Sociologia significa o diálogo com as correntes sociológicas contemporâneas, a incorporação crítica de noções e conceitos disponíveis, a formulação de problemas em um clima intelectual definido pelo universal e pelo particular e o uso dos instrumentos contemporâneos de observação e classificação da realidade, exemplificados pela microinformática.

Finalmente, diante desse novo padrão de trabalho científico da Sociologia de nosso tempo, surge a possibilidade de um maior desenvolvimento da sociologia aplicada. Se vimos que a última onda renovadora da Sociologia mundial alimentou-se da imensa e pluriforme manifestação de lutas sociais, nos anos 80, expressando conflitualidades novas em viver a historicidade, talvez a aplicação do conhecimento sociológico a propostas de resolver questões sociais pudesse, novamente, representar uma inserção do sociólogo na História enquanto um intelectual específico, detentor de um saber particular capaz de encaminhar processos sociais particulares. A definição da Sociologia aplicada, feita, há muitas décadas, por Florestan Fernandes, ainda é útil:

*Análise dos efeitos dissonâncios da vida social e das condições previsíveis de intervenção racional no controle das situações em que eles emergem socialmente.*<sup>14</sup>

A Sociologia aplicada teria como base de reflexões problemas estruturais e conjunturais da sociedade, estabelecendo hipóteses sobre suas condições de emergência e suas possibilidades de superação, e apontando para procedimentos de intervenção política que tivessem por fundamento a racionalidade da explicação sociológica, embora a ela não se reduzissem, dado o caráter inovador e ousado da ação política.

Pulsionados pelos movimentos e lutas sociais dos anos 80 e do início dos anos 90, os quais nos fizeram mudar nosso modo de olhar a realidade social, talvez hoje os sociólogos tenham a possibilidade de fazer retornar às classes e grupos sociais um olhar sociológico enriquecido, fruto da complexidade, da historicidade e da linguagem microinformática. Existem demandas dos atores sociais sobre uma explicação acerca das grandes e pequenas questões sociais de nosso tempo; pedem que o sociólogo processe tais questões, mediante o saber próprio de sua competência, para construir questões sociológicas. Em seguida, poderia o sociólogo dialogar com o senso comum, fecundando a per-

cepção imediata dos agentes sociais pelo conhecimento sociológico.

Poderíamos, assim, em uma perspectiva interdisciplinar que incluiria o historiador e outros especialistas, elaborar uma Sociologia aplicada à participação social, orientando uma intervenção racional nas questões sociais de nossa época. Esta Sociologia aplicada se insere no atual espírito do tempo, configurado pela participação social e pela construção da cidadania, apontado para uma prática sociológica que se compõe, simultaneamente, pela reflexão crítica, pelo trabalho de pesquisa e pela capacidade de intervenção no mundo social. A Sociologia contemporânea, neste passo, apenas retomaria a lição dos clássicos da Sociologia, expressa na intenção de construir uma autoconsciência crítica para a sociedade, e no projeto apaixonado de transformar o mundo social de seu tempo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. IANNI, Octávio. *Estado e planejamento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971; Idem. *A formação do Estado Populista na América Latina*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1975; Idem. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1992.
2. TOURAINE, Alain (org.) - *Mouvements sociaux d'aujourd'hui*. Paris: Ed. Ouvrières, 1982.
3. Idem, *ibidem*, p. 19.
4. ANSART, Pierre. *Les sociologies contemporaines*. Paris: Seuil, 1990, p. 22.
5. CUIIN, Charles-Henri et GRESLE, François. *Histoire de la Sociologie - 2. Depuis 1918*. Paris: La Découverte, 1992, cap. III, p.78-98; TOURAINE, Alain. "Sociologies et sociologues". In: ARDOINO, J. et alii. *La Sociologie en France*. Paris: La Découverte, 1988, p. 26-41.
6. TOURAINE, Alain. *La voix et le regard*. Paris: Seuil, 1978, p. 103.
7. SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. *Natureza, História e Cultura: repensando o social*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993. (*Cadernos de Sociologia*, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v. 4, número especial).
8. ADORNO, Sérgio. "Apresentação". In: *Sociedade Brasileira de Sociologia*, op.cit., p. 7-10, p. 8.
9. CASTRO, Nadya A. Do determinismo à indeterminação? (ciência, tecnologia e trabalho). In: *Sociedade Brasileira de Sociologia*, op. cit., p. 43-49, cit. p. 48.
10. FERNANDES, Ana Maria. O paradigma clássico *versus* o surgimento de um novo paradigma da ciência e da tecnologia e suas relações com o homem, a natureza, a história e a cultura. In: *Sociedade Brasileira de Sociologia*, op. cit., p. 51-56, cit. p. 54.
11. TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. A construção de um outro olhar sociológico sobre o campo. In: *Sociedade Brasileira de Sociologia*, op. cit., p. 77-84.
12. LARANGEIRA, Sônia M.G. Faz sentido falar em classes sociais? In: *Sociedade Brasileira de Sociologia*, op. cit., p. 85-92, cit. p. 92.
13. MORIN, Edgar. *La Méthode III: La connaissance de la connaissance*. Paris: Seuil, 1986, p. 37.
14. FERNANDES, Florestan. *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*. São Paulo: Pioneira, 1960, p. 151.